

REPORTAGEM DE CAPA

Coração antártico

Êxtase e desespero, gritos e lágrimas. Comandados por Amyr Klink, quatro homens dão a volta ao mundo pelo Pólo Sul

ELIANE BRUM

Divulgação/Canal Azul/National Geographic Channel



CAPITÃO KLINK Atenção 24 horas, períodos de sono de 90 minutos, para escapar das placas de gelo submersas

"Era como estar entre os dentes de um tubarão sedutor e maravilhoso", disse Amyr Klink a ÉPOCA ao desembarcar. O navegador que virou lenda acabava de pisar na Baía de Jurumirim, em Paraty, Rio de Janeiro, na manhã da quinta-feira passada. Chegava de uma volta ao mundo pela Antártida, uma circunavegação de 76 dias, sem escalas. A viagem por três oceanos durou um total de quase cinco meses, com ventos de até mais de 150 quilômetros por hora, ondas da altura de prédios de dois andares. "Nunca havia navegado com tanto gelo em alto-mar", contou. "De repente, deparávamos com uma muralha gelada cobrindo todo o horizonte. Placas por todos os lados. Se colidíssemos, o veleiro afundaria. Lindo e de altíssimo risco."

Amyr Klink, de 48 anos, estava satisfeito porque o veleiro Paratii 2, US\$ 5 milhões de engenharia e tecnologia, aportava intacto. "Apenas duas lâmpadas queimadas", comemorou. Foi sua oitava expedição à Antártida. A rota era muito parecida à circunavegação realizada no fim da década de 90, narrada em seu best-seller *Mar sem Fim*. A diferença é que daquela vez navegou sozinho. Desta, comandou quatro tripulantes. Eles não voltaram intactos.

Fotos: Maurilo Clareto/ÉPOCA



REGRESSO Ao ver o pai, a caçula, Marininha, de 4 anos, gritou: "Papai, por que você deu a volta ao mundo?". Amyr respondeu: "Não sei"



Cinco homens a bordo de um barco por meses a fio no meio do gelo podem se tornar um desafio maior do que enfrentar o mar em fúria. Foi o que aconteceu com a primeira circunavegação polar tripulada de Amyr Klink. "Uma viagem sem incidentes", disse o capitão. A conclusão significa que os muitos problemas mecânicos que apareceram puderam ser vencidos. Para o navegador, a travessia significava testar as soluções criadas em dez anos de sonho e planejamento do Paratii 2, uma glória de engenharia naval e inventividade. Nesse sentido, a viagem foi um "sucesso". O que Klink não previu foi o coração humano - o seu e o dos

companheiros. Como em todas as odisséias anteriores, cujos méritos são inquestionáveis, ele soube lidar com maestria com a natureza selvagem. Fracassou no embate com as paixões humanas, que se mostraram mais indomáveis que o continente gelado.

Três dos quatro tripulantes abandonaram o barco no primeiro porto, em Ushuaia, em 13 de março. O cinegrafista Toco Lenzi foi o único deles que já havia terminado seu trabalho: tinha registrado a circunavegação para a National Geographic, que prepara quatro documentários de 30 minutos sobre a aventura. O proeiro e cozinheiro Alex Silva Ribeiro, de 31 anos, deixou o comandante porque não suportava mais o convívio a bordo. O mecânico Gibrail Rameck Júnior, de 35 anos, porque foi expulso por Amyr Klink. Dos quatro tripulantes oficiais da travessia, apenas Flávio Fontes, marinheiro fixo de Klink, permaneceu até o final.

"Não tenho saco para ficar agüentando a dor dos outros"

O momento de maior tensão da viagem não foi provocado por um dos muitos icebergs do caminho. Aconteceu em 25 de fevereiro, dia seguinte ao término do desafio. Eles estavam no ponto de partida e de chegada, a base inglesa de Port Lockroy. A felicidade de ter completado a façanha era obscurecida por nuvens negras de 76 dias de desentendimentos, gritos, lágrimas e humilhações. No dia 24 de fevereiro, Amyr contou à esposa, Marina, por telefone: "Terminamos, o bar está aberto". Na primeira oportunidade, Alex, o cozinheiro-proeiro, também pegou o aparelho para ligar para a namorada. Escondido. "Ele não deixava a gente se comunicar com a família", diz. "Eu estava desesperado, queria contar que tinha completado a volta ao mundo." Fez uma tentativa, e não conseguiu. Chamou o mecânico Júnior, que há dois meses não conversava com a mulher e o filho de 3 anos. Este teve mais sorte: "Completei a volta ao mundo. Estou ligando escondido", disse Júnior à esposa.

A subversão foi delatada a Amyr Klink por seu braço direito, Flávio. "O Amyr gritou muito comigo, me chamou de ladrão, eu pedi muitas desculpas, mas ele continuou me humilhando", conta Alex. "Eu fui me virando de costas para ir saindo e ele me acertou um soco nas costas. Aí eu revidei e saímos na mão. Nos apartaram. Foi o pior dia da minha vida. Podia ter dado morte. Cheguei a pensar em sair andando no meio da neve."

Fotos: AKPE/Amyr Klink



BIG BROTHER EM ALTO-MAR Cinco homens confinados dentro de um barco numa paisagem de gelo e neve

#Q: Coração antártico - Continuação:#

Fotos: AKPE/Amyr Klink



PORT LOCKROY O ponto de partida e de chegada na volta ao mundo que durou 76 dias

asseio é essencial para prevenir infecções que podem ser fatais no meio do nada.

Amyr Klink admitiu os problemas de convivência, mas negou que tenham chegado ao nível das agressões físicas. "Só houve ameaças", minimizou. "É normal dentro de um barco haver desentendimentos."

A tempestade de trovões humanos foi o ápice de longos dias de confinamento. Aventuras em mundos quase intocados são fascinantes em livros e filmes, mas duríssimas no dia-a-dia. Não só pela tensão constante dos desafios, mas pelas horas intermináveis de tédio. Com o agravante de que não há como bater a porta e ir embora para casa. O desafio da paisagem não apaga o comezinho do cotidiano dos homens. É disso que é feita a tragédia - e também a comédia. No Paratii 2, o maior navegador brasileiro ficava furioso ao encontrar uma gota de urina na tampa da privada. Exigia que seus tripulantes limpassem os vestígios com desinfetante. O

Por explosões como essa, o veleiro foi apelidado de Big Brother pelos tripulantes. A cabine em que dormiam Alex, Júnior e Toco Lenzi tinha sido batizada de Pavilhão Oito, numa

alusão ao Carandiru, famigerado presídio paulista. "Era como uma prisão, com a diferença de que na cadeia a gente tem direitos", reclama Júnior. "Parecia que havia ele, Amyr Klink, e quatro instrumentos, não pessoas." Júnior escreveu um diário de cem páginas ao longo da viagem. A maioria delas relata a espiral de ódio que vai crescendo no interior da embarcação. Há trechos hilários. "Peguei o comandante comendo uma manga seca escondida. Que feio", escreveu. O racionamento da comida, a falta de guloseimas, era uma das queixas. "Em alto-mar a gente já está preso, é importante ter comida boa, coisas que compensem a privação", diz Alex. "Ele chegou a me mandar abrir o pão para ver se eu estava comendo o queijo dele."

"O Amyr Klink me acertou um soco nas costas. Eu revidei e saímos na mão"

ALEX SILVA RIBEIRO, proeiro e cozinheiro da tripulação

O comandante observou o amotinamento da tripulação com curiosidade científica. "Gostei muito desse problema de relacionamento com pessoas. Para mim foi uma experiência legal. Foi uma novidade ter comportamentos tão diferentes no mesmo barco", disse Amyr Klink. "O Júnior e o Alex eram pessoas reativas, não proativas, como a vida no barco exige. O Júnior foi uma pessoa baixo-astral do começo ao fim, uma surpresa negativa. Já o Alex é um cara sensacional, tem o coração maior do que o barco, mas nunca vai ser um navegador. Só funciona se mandar nele." O santista Alex não é um marinheiro de primeira viagem. Representa a terceira geração de homens do mar da família, serviu à Marinha e foi personagem de um dos mais trágicos naufrágios dos últimos tempos. Ele estava entre os dez tripulantes do pesqueiro Chile Dos, que afundou no último 7 de setembro no sul do Brasil. Depois de ver dois companheiros morrerem, ficou à deriva por quatro dias num bote salva-vidas com mais sete sobreviventes num mar com ondas de até 5 metros. Alex usava calção e camisa fina, enfrentando noites com sensação térmica de 10 graus negativos. Racionava barras de cereais e tinha de satisfazer-se com 100 mililitros de água por dia. Para passar o tempo e vencer o medo, os naufragos falavam de família, amores, futebol, pizzas e Amyr Klink. "Eu dizia que sairia dali e faria uma viagem pelo mundo porque tinha um amigo, Flávio (Fontes), que trabalhava para ele", conta. Dois meses depois de ser resgatado em alto-mar, Alex partiu no Paratii 2 chorando de felicidade. Voltou tão traumatizado que, para desespero da família, não quer mais embarcar. Vai ajudar a mãe a fazer pães e salgados. "Todos esses navegadores famosos da História tinham dinheiro. Dentro do barco desses heróis tinha gente como eu. É a mesma história de sempre", conta, saindo para chorar lá fora.

Alex faz um relato desesperador da viagem à Antártida. "Teve um dia que, depois de eu limpar o banheiro por duas horas, o Amyr não estava satisfeito. Fiquei mais duas horas limpando com uma escova de dentes", conta. "A gente rezava para ele acordar de bom humor." Eram proibidos de assistir aos filmes armazenados nos computadores. "Ele via e contava para a gente. Só gritava que o barco era dele e que era o dele que estava na reta se algo desse errado", diz. "Só consegui ter notícias da família no dia em que eu disse: 'Amyr, você tem mãe?'"

#Q: Coração antártico - Continuação:#

Fotos: AKPE/Amyr Klink



EXTREMOS A rede de intrigas no interior do barco se mostrou tão perigosa quanto os riscos da imensidão gelada do lado de fora

Fotos: Maurilo Claretto/ÉPOCA



FARRAPOS Alex e a bandeira do Paratii 2 chegaram aos pedaços



DIÁRIO Gibrail Júnior registrou a viagem em cem páginas de caderno

Gibrail Rameck Júnior conhece Amyr desde a infância. Seus pais eram amigos. Ele tem uma marina, a Perequê-Açu, em Paraty. "O Amyr era uma referência para mim. Ele tem os méritos dele e a competência indiscutível, mas a amizade acabou", diz. "Acho que o marketing, os patrocinadores, o peso todo da coisa acabou sobrecarregando-o. Ele se transformou em outra pessoa no barco. Se eu pudesse, tinha saltado em cima de um iceberg." Depois de um mês, Júnior diz que continua acordando no meio da noite, em pânico. "Quando ele voltou, parecia um bicho", conta sua mulher, Paloma.

Fotos: AKPE/Amyr Klink



ILHAS PLENNAU O cinegrafista Toco Lenzi numa "pingüineira"

É quase impossível para Amyr Klink compreender o que aconteceu com sua tripulação. O que para os marujos era um problema para o capitão soava como solução. "A única coisa que não funcionou na viagem foi a comunicação. Eles entravam em crise, se desesperavam, choravam. Eu achei ótimo. Odeio comunicação. Ficar mandando notícias, falando pra site, essas porcarias todas. Saudades a gente guarda pra volta", explica. "Não tenho saco para ficar brincando de volta ao mundo. Não tenho saco para ficar agüentando a dor dos outros. Assim como não tenho saco pra ficar só desenhando atrás de uma prancheta. Eu gosto de desenhar um negócio novo, testá-lo e ver o que funciona."

Na Antártida, os homens foram mais imprevisíveis que a natureza

Foi esse jeito de ser que levou Amyr Klink a consumir os feitos que o instalaram entre os heróis nacionais: atravessar sozinho o Atlântico Sul a remo em 1984, passar um solitário inverno na Antártida, em 1989, circunavegar o Pólo Sul em 1998, em companhia apenas de si mesmo. E

sair vivo. Amyr acha que, como ele, a tripulação precisava só pensar no barco e não ter nenhuma distração que não fossem as maravilhas da expedição. "Vi muitas coisas que não tinha visto. Como a aurora austral. Tinha de todos os tipos. De faixa, de banda, de banda corrida, aberta, de arco, do jeito que quisesse. Agora de costas, de quatro, sem as mãos... nunca tinha visto isso", entusiasma-se.

Nos mares antárticos, ele encontrou o amigo e grande velejador francês Jérôme Poncet. Deliciou-se com o depoimento que ele deu a Lawrence Wahba, que registrava para a National Geographic. "Na Antártida se fala a língua do vento, do mar e do gelo", filosofou Poncet. "Essa é a que eu e o Amyr falamos."

O marinheiro Alex voltou com sua própria poesia: "A Antártida é linda mesmo. Se Deus existe, ele mora nela. Mas dentro do barco vivíamos no inferno." Enquanto ele chorava na cabine, Amyr Klink ouvia ópera. Era o único momento que seus homens o viam lacrimejar.

Fotos: AKPE/Amyr Klink



SOLIDÃO A dificuldade de comunicação fez a alegria do comandante

#Q: A tecnologia do veleiro Paratii2:#

e o desespero da
tripulação

A VALENTIA DO PARATII 2

Um veleiro de US\$ 5 milhões em tecnologia e soluções inéditas



Foram dez anos da construção de um sonho. O veleiro que levou Amyr Klink à Antártida foi feito sob medida para ser um tripulantes que agüentasse todos os "desaforos". A região tem ventos de 150 km/h que levantam ondas de 25 metros de altura. O nevoeiro é constante e há enorme concentração de icebergs. "o Paratii2 deveria agüentar longas viagens, ser controlado por apenas uma pessoa e levar equipes de filmagem", diz Thierry Stump, engenheiro que construiu o veleiro. O projeto deslanchou depois que os mastros Aerorig foram testados no Paratii. A seguir, o barco ganhou sistemas exclusivos de resistência. O leme e a quilha são retráteis para permitir a entrada em águas rasas. Para resistir às pancadas de gelo, o casco é feito com alumínio de até 20 milímetros de espessura. Amyr Klink pode viajar três anos sem ancorar. Os motores garantem 60 dias de navegação sem os mastros, movidos por 33 mil litros de óleo diesel resistente ao frio. Depois de pronto, o Paratii2 ainda teve sua própria aventura, quando levado ao

estaleiro, em Itapevi, interior de São Paulo, até o mar, em Santos. Foi um mês de travessia, desmontando fios, cabos e placas de trânsito e remontando tudo atrás. Levado durante as madrugadas, pouca gente viu esse barco de 29 metros passar.

Maíra Termerc

O VELEIRO DE AMYR KLINK POR DENTRO



- 1 - Garagem para veículos de exploração e oficina completa para reparos
- 2 - Leme retrátil
- 3 - Mastros de 32 metros de altura funcionam eletronicamente, dispensando os cabos
- 4 - Lemes alternativos para águas rasas
- 5 - Casa de máquinas tem dois motores especiais de 350 cavalos cada
- 6 - Banheiro com descarga sanitária econômica e tratamento de dejetos

- 7 - Cabine de comando equipada com computadores e piloto automático
- 8 - Área de estar onde ficam a cozinha e a mesa de comunicação
- 9 - Sala onde são armazenados os alimentos, com camas opcionais
- 10 - Reservatório com tanques de água doce (2 mil litros) e salgada (3 mil litros)
- 11 - Depósito de correntes da âncora
- 12 - Quilha retrátil

#Q: Conheça alguns segredos da Antártida: #

EM DIREÇÃO AO FIM DO MUNDO

Último continente a ser descoberto, a Antártida permanece como o território mais inóspito do planeta. Conheça um pouco mais sobre essas terras geladas e siga a rota do navegador Amyr Klink

SUPERFÍCIE

Com uma área calculada de cerca de **14 milhões de Km²** no verão, a superfície da Antártida cresce no inverno e é coberta de gelo durante o ano todo. As exceções são a **Península Antártida**, onde fica boa parte das estações científicas internacionais, e os vales secos da Terra Vitória, onde não chove há no mínimo **2 milhões de anos**

CAMADA DE GELO

- . Contém 70% da água doce e 90% das geleiras do planeta
- . Espessura média: 2 Km
- . Volume de água: 30 milhões de Km³

CLIMA

É o lugar mais frio do mundo. Mesmo no verão, as temperaturas máximas costumam ficar abaixo de 0o C. A mínima já registrada foi **-126° C**. O Pólo Sul é mais frio que o Norte devido às grandes altitudes e às tempestades de neve

QUATRO PÓLOS

O **Pólo Sul** é o extremo final do eixo de rotação da Terra. O **Pólo Magnético** é para onde convergem as linhas de força magnética do planeta. Ele se move cerca de 5 Km por ano.

O **Pólo Geomagnético** é teórico e marca o ponto mais austral do campo geomagnético da Terra; ele também se move. O **Pólo de Relativa Inacessibilidade** é o que está mais distante da costa em todas as direções

ESTAÇÕES CIENTÍFICAS

Depois de várias disputas pelas terras geladas, em **1961**, o **Tratado da Antártida** internacionalizou o continente e estabeleceu que somente poderiam ser feitas pesquisas com fins pacíficos na região. Hoje 27 países mantêm bases de estudos na Antártida.

A do **Brasil**, chamada Comandante Ferraz, fica na **Ilha Rei George**, nas Ilhas Shetland do Sul. Os Estados Unidos mantêm desde **1956** a base Amundsen-Scott no Pólo Sul, no centro do continente

#Q: A história de alguns desbravadores do continente gelado: #

EXPLORADORES

Não se sabe ao certo quem foi o primeiro a avistar o continente antártico. Acredita-se que isso tenha acontecido no fim dos anos 10 ou início dos 20 do século retrasado, quando uma série de expedições e barcos comerciais navegou os mares gelados do sul. Algumas hipóteses apontam para exploradores famosos, como o estoniano Thaddeus von Bellingshausen, o britânico Edward Bransfield e o americano Nathaniel Palmer. Tampouco se tem certeza de quem foi o primeiro a pisar na Antártida. Um forte candidato é o caçador de focas americano John Davis, que em 7 de fevereiro de 1821 aportou na península. Uma série de exploradores desbravou o continente. Leia abaixo a história de alguns deles

Roald Amundsen (1872-1928)

Hulton Getty



Em 14 de dezembro de 1911, junto com uma equipe de quatro experientes expedicionários, Amundsen foi o primeiro homem a atingir o Pólo Sul. Norueguês, ele sempre sonhou com a conquista do Pólo Norte. Mas, depois que Robert. E. Peary declarou ter realizado o feito, Amundsen decidiu partir para o Pólo Sul. Foi ele também quem provou que o Pólo Magnético não é um ponto fixo, além de participar da primeira expedição que passou um inverno na Antártida

Robert Falcon Scott (1868-1912)

Oficial da Marinha britânica, ele comandou a segunda expedição a atingir o Pólo Sul, em 17 de janeiro de 1912. Scott e sua equipe não sabiam do sucesso de Amundsen e foram surpreendidos pela bandeira do norueguês fincada no pólo. Na volta, os cinco homens foram castigados pelo tempo ruim e, com o fim dos suprimentos, morreram de fome e frio. Deixaram relatos que foram descobertos no verão seguinte

Mary Evans

**Sir Ernest Shackleton (1874-1922)**

Hulton Getty



Shackleton não foi o primeiro a conquistar o Pólo Sul, mas chegou bem perto. Sua expedição, que durou de 1907 a 1909, esteve a 156 Km do local, mas teve de retornar. Em 1914, ele comandou uma nova expedição com a intenção de ser o primeiro a cruzar o território antártico, mas em 1917 seu barco afundou e ele remou mais de 800 milhas pelo mais tempestuoso mar da Terra até a Geórgia do Sul, em busca de socorro para seus homens

[Fechar](#)